

APRECIÇÃO DO "CURRICULUM" CIENTÍFICO
DO DOUTOR Joaquim Cerqueira Gonçalves

As minhas primeiras palavras são para
saudar muito respeitosamente Vossa Excelência, Se-
nhor (Vice) Rector e para exprimir a minha
grande satisfação por tomar parte neste júri e
ainda colaborar com a Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa na tarefa, sempre gran-
de, do preenchimento e alargamento dos seus
quadros docentes, o mesmo é dizer, ^{na tarefa de} ~~em~~ cooperar
na promoção da Universidade Portuguesa.

Cumpramo-me apreciar os trabalhos científicos
do doutor Joaquim Cerqueira Gonçalves, candidato ao
cargo de Professor Extraordinário do 6º grupo (Filosofia)

fia) da Faculdade de Letras. Religioso franciscano,
 recebeu a primeira formação literária e científica nas
 escolas da sua ordem, frequentou posteriormente
 a Universidade Católica de Lião e o Instituto
 Antológico de Toulouse, tendo concluído, neste último,
 no ano de 1956/57, a licenciatura em Filoso-
 fia ~~Estadística~~. Posteriormente cursou a Facul-
 dade de Letras da Universidade de Lisboa,
 licenciando-se em Filosofia, no ano de 1962,
 com a classificação de 18 valores, apresentando
 de como dissertação o estudo "Distinção entre
 ciência e existência no pensamento de J. Duns
 Scotus". Trabalhou em 1961 com o P.^o Mi-
 guel Ormí e colaborador da revista "Verdad
 y Vida", dedicando-lhe, na Biblioteca de

Marchid, a investigação de bibliografia
 medieval. No ano de 1964 procedeu a es-
 tudos na biblioteca do Colégio de São Boa-
 ventura, em Anagnini, e no ano de 1967
 na Biblioteca do Vaticano e no "Antonienum".
 Participou ainda no "Colóquio sobre S. Boaven-
 tura" realizado em Paris em 1968. Esta
 actividade culmina com a elaboração do
 actual estudo "Homem e Mundo em São Boaven-
 tura" com o qual se apresenta ao doutoramen-
 to em Filosofia à Fac. de Letras UFRJ, tendo
 obtido a classificação de 19 valores. É o represen-
 tante, de língua portuguesa, da Comissão
 Internacional que prepara o Centenário de S.
 Boaventura e é membro da "Societá

Internationale pour l'étude de la philosophie
médiévale" e da "Asociación española de
Filosofía Medieval."

O Doutor Cerqueira Gonçalves dedica-se a
investigações no domínio da história da filo-
sofia medieval. Neste se orientou, preferen-
temente, para o estudo do pensamento da
Escola Franciscana. Não se limita, porém, a
um inventário erudito de códices ou à descri-
ção externa de obras e de autores. O que
lhe importa são os filósofos medievais na sua con-
dição sistematizada e histórica e as experiên-
cias humanas que lhes subjazem. Abre-se
estes campos de investigação, desde as cor-
rentes filosóficas próprias da escola franciscana,

defensora do primado do concreto e do individual, cheia de preocupações humanísticas de dignificar a natureza e a capacidade humanas e que se inscrevem numa perspectiva mais vasta e que correspondem, no dia de hoje, os problemas do sujeito concreto, da subjectividade e do intersubjectividade de humanos e o problema da história.

Deix' a actualidade das preocupações do candidato no domínio histórico-filosófico.

Não posso deixar de me referir com muito gosto à inserção das preocupações filosóficas do Doutor Cerveira Gonçalves nos trabalhos da Junta Filosófica da Universidade de Lisboa; portanto desde a primeira edição

A introdução para a trad. portuguesa da obra
 de Frei Gomes de Lisboa, Questões muito úteis sobre
o objecto de qualquer ciência e principalmente
da filosofia natural (1964). A dialéctica do
optimismo e do pessimismo na obra de Gil
Vicenti, comunicação ao "Simpósio vicentino" de
 1968. O espírito de Espinosa, publicado em
 Antónia, 1967. La dialéctica del querer y del
poder en Agustín em Estudio agustiniano, 1968.
La genèse de la science d'après le "de reductione
artium ad theologiam" de Saint Bonaventure,
 em "Études franciscaines" 1968. Humanismo
medieval, I. A natureza do indivíduo em João Duns
 Escoto e II. Franciscanismo e cultura, livro publica-
 do em 1971. La structure métaphysique de

4' o duz Saint Bonaventura, comunicação ao 2º
 Colóquio de S. Bonaventura, realizado em Paris
 em 1971. S. Tomás de Aquino e São Bonaventura.
Em memória de dois centenários, itinerarium, Jan-Março,
 de 1972 e At. Toledo - Nobis filozofia na Antologia de
 Fevereiro passado.

A região continuada da cadeira de História da
 Filozofia Medieval desde o ano de 1963/64 e durante
 algum tempo, há as de Axíologia e Ética e Hist.
 da Filozofia Antiga; a bibliografia científica; a
 participação em Congressos e Colóquios (Cong. Internacionais
 de Fil. Medieval de 1964; Colóquio de S. Bonaventura de 1968;
 Congresso Intern. de Filozofia de 1968); as publicações
 fotográficas a que pertence; o ser o representante
 técnico da língua portuguesa da Comissão Interna-
 cional que prepara o Centenário de São Bonaventura
 tendo sido a garantia das qualidades pedagógicas e científicas
 e do aspeto de organizador do I.º Colóquio Guimarães

~~l'été des Saint Bonaventura, comunicação ao
 2º colóquio de S. Bonaventura realizado em
 Paris em 1971. S. Tomás de Aquino e São Bonaven-
 tura, em vigésimo do dois centenários em Itinerá-
 rium, 1972 e A Zola - Média ~~stropica~~
 na prosa de Pav. passado.~~

O tempo que disponho obriga-me a reali-
 zar a apreciação dos trabalhos de candidato
 ao estado de maior forma posterior à discus-
 são doutoral, ou seja, ao livro Humanismo
moderno formado por dois importantes ensaios,
 conforme já referi. Reluzir-me-euro no 1º,
 A natureza do individual em Esato, de conteúdo
 mais diretamente filosófico e teológico,
 como obra de M. de Guaita, o primeiro do

individuo e' o Cartesiano de hoje a tradi-
 ção francesa. E ainda pela sua actualidade.
 Com efeito, a falta de uma reflexão ontolo-
 gica sobre o individuo e' causa do irraciona-
 lismo na problemática de hoje em termos do
 individuo, das relações inter-individuais e
 da história. E precisamente neste momen-
 to um dos momentos mais altos de uma reflexão

Tem este contexto, a aparição, numa tradução
 grega cuidadosamente elaborada, na literatura acad-
 mica apenas se observa uma tese: o livro de
 Herbert Mühlen, Lein und Person nach Johannes
Duns Scotus. Beitrag zur Grundlegung einer Metaphysik
der Person, de 1954 (132) p. que André Heger col-
 nomeadamente elogia em artigo da Revue philosophique de
 Louvain de 1955, considerando-o complemento impres-
 cindível da obra de Gilson.

O 1.º § - O individualismo no humanismo filo-
sófico grego é uma breve pesquisa crítica da
 problemática grega. Apresenta como a filosofia plato-
 nica vive da relação entre o uno e o múltiplo, em
 que o múltiplo é menos o individual e mais o
 pluralismo das ideias e suas relações. Explica
 como em Arist. se entendam os conceitos formal e
 final segundo os quais se procura todo o movimento
 de transformação do individual e se busca a anti-
 relação do individual dentro da espécie.

Dado que Escoto, conforme a nota 23 de pg. 22,
 não assume, na doutrina do individual, as visões
 da filosofia neoplatônica, cabe perguntar porque
 é que o autor não considera as posições
 de Plotino; não basta aludir, em nota, ao

facto de Motivo admittit solitas de cetero par-
ticularibus e p[ro]p[ri]o de admittit que os individuos
tamens n[on] differenciam n[on] s[er]v[am] pela morte
como ainda no unit conventionalis euentis

En (v. 8, 1) Nova mesma nota n[on] afirma que
"Mortis tem os principios embionarios de uma
evoluc[ao]nista filosofia do individuo, como ali[as]
o prova muitas Hall contra a posic[ao] corrente
de que procurar mortis n[on] equivale a mortis
e nem ainda a mortis simpliciter. E cite
apenas o p[ar]t de Lin de Hall, Mortis and the
individual, 1963, como comprovac[ao], leva[ndo] em
mente, para confirmar o que foi afirmado? Devo dar-lhe
uma resposta, embora suscito de como Hall procura demonstrar.

O 2º ~~capitulo~~, Importancia do individuo

na religiao mista, base mais bem construido,

juntamente com o anterior, apresentam as bases para o desenvolvimento do estudo que estamos apreciando. Regue-se outro livro §, o 3.º, onde em tempo muito pouco se expõe a filosofia medieval e o tema do indivíduo.

No 2.º Cap. § 1. "Deus Eterno e o indivíduo" sublinham-se os pontos-chaves da antropologia cristã; a vontade e a liberdade. Neste contexto critica-se o necessitarismo, tendo como exemplo a doutrina de Arist., alheio ou oposto à posição cristã da criação, afirmadora esta da liberdade de Deus e da contingência do mundo.

A capacidade de decisão da vontade do homem superior, para Esoto, numa razão tem de fundar-se em cada indivíduo, sendo o

comportamento individual expressões de uma
 estrutura intelectual, inteligível, de uma enun-
 ciação bem definida. E tendo em vista a enun-
 ciação respectiva estrutural na inteligência divina,
 poder-se-á falar de uma verdadeira verdade
 de indivíduos. Mas a metapsíquica exemplaris-
 ta em Deus Ewto.

O candidato expõe desembarradamente
 esta metapsíquica nos seus textos, sem
 me apoiar nos textos. Alguns pontos
 interessantes e ideias, inteligentemente não expli-
 cados como ideias res. de apresentar a mesma
 evolução da doutrina na perspectiva de D. Ewto.
 Uma nota (nota 44 da p. 41) é simpática.
 Alguns pontos também interessantes, a partir
 das páginas 5ª onde se diz sobre alguns problemas

relacionadas com o individualismo e que persistiram
na evolução da filosofia? O mesmo se diz
com respeito a Lavelle.

O problema do individualismo condiz, necessariamente,
com a estrutura da individualização. O Sr. G., que
tanto disse a respeito, designa-o o Doutor Cezqueira
Gouveias por A metafísica da individualização no existencialismo.
Preferia-me designá-lo por A metafísica da individualização em D. Existência.
Deixei-me de criticar de fitras no livro L'Être et l'Être,
com minhas opiniões bem fundamentadas, onde
se exprimam os nomes de Existência e de Heidegger por
considerar um dos momentos da existência um dos momentos da auto-
determinação do ser, momento 5º ou 1º o primeiro.
O centro existencialista vê mesmo a ser a existência,
como um processo de existência.

A metalinguagem de introdução é o ponto central do trabalho que vários analistas; em parte bem escrito, bem documentado, apresentando um quadro suficientemente claro das posições que Escoto tem de criticamente experimentar (A.P. Alva e S. Tonoi).

Dois observações sobre os problemas:

1- (p. 69-70) A propósito da propositiva de Escoto sobre a tese da unicidade do ser. Neste ponto além o autor se dá muito trabalho que a experiência pode corrigir. É certo que aponta sempre, em notas de rodapé, o texto fundamental. Mas muitas são abstratas e de tão alta importância como por exemplo as distinções sem as quais não se pode compreender a tese da unicidade do ser requeriam tratamento mais fundamentado e, ao lado de alguns textos

análises citadas não revê a superfície a tradução portuguesa.

A 2ª observação diz respeito à exposição do princípio de individualização. Tem-se ali extensões variáveis importância e dificuldade e onde a grande parte ~~a grande~~ há de subsistir dúvidas onde por vezes de interpretação

O Doutor Cargueira Gonçalves teve consciência ^{denas devidas} ~~de~~ por observar (p. 81) "de' a força das tradições fez um rumo das filosofias medieval e a adopção da sua terminologia para tradições islâmicas m.

diferentes e até oportas podem emborarem a ^{causa de interpretação} ~~causa~~ ^{quantidade} da individualização ^{em} ~~em~~ ^{esta} ~~esta~~ ^{força} das suas genuínas intenções. ||

Não admira, portanto, que o texto (1478 e 1481) expresse de imperfeição por ex. na explicação

do que seja a "natura communis" (já referida atrás a página 71) e no enlaxamento da relação entre natura communis e hereditas. Aliás o Sr. P.^o Gonçalves Gonçalves sentiu-o, pois na página 81 introduz uma longa nota com citações do Comentário sobre as Sentenças e dos Reportata Parisiensia. Em meu entender, todo o conteúdo desta nota deveria ser cuidadosamente reelaborado e integrado no texto, dada a sua excepcional importância doutrinal. O trabalho só ganharia em rigor e clareza.

Estas dificuldades que talvez não são ^{minimizam} ~~parcialmente~~ ~~objecções~~ e de forma alguma ~~diminuem~~ ^{diminuem} a importância deste estudo sobre D. Sinto, nem são pouco o ^{diminuem} relativamente aos restantes trabalhos identificados, que li e que só a escassez de

tempo impede de apreciar.